



## OLHARES SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL: O LIVRO DIDÁTICO COMO (RE)PRODUÇÃO DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO<sup>1</sup>

Francielly de Lima Oliveira <sup>2</sup>

### RESUMO

Ao engendrar possibilidades de mudanças, conscientização e conhecimentos quanto à temática gênero na formação de educadores/as e demais atores sociais que compõem o contexto educacional, consideramos que o livro didático, enquanto instrumento complexo e de múltiplas facetas, possui como uma de suas funções a construção de identidade, tornando-se um importante representante do papel político para a aculturação em suas diversas temáticas presentes em conteúdos e imagens que merecem ser analisados. Apresentamos neste artigo os resultados da dissertação de mestrado que objetivou-se a analisar imagens de livros didáticos da Educação Infantil endereçados à professores/as no edital do PNLD/2019 em seu primeiro ano de implementação, na perspectiva de gênero. Para este intento, articulamos o conceito de gênero proposto por Scott, Butler e Louro, o conceito de infância de Sarmento, e livros didáticos de Bittencourt e Choppin, incorporando a perspectiva metodológica da Hermenêutica de Profundidade (HP) proposta por Thompson em conjunto à Análise de Conteúdo de Bardin e Análise de Imagens de Penn, iluminando a análise interna a essas formas simbólicas com a interpretação e reinterpretação das desigualdades de gênero. Apreendeu-se que as crianças pequenas se desenvolvem a partir de um lugar social e de olhares que são assumidos pela concepção adultocêntrica e que as imagens escolhidas nos livros tendem à reprodução de estereótipos de gênero ao sustentarem um modelo patriarcal, racista e classista em vista a fase de desenvolvimento da identidade infantil.

**Palavras-chave:** Gênero, Infância, Livros Didáticos.

### INTRODUÇÃO

O artigo que segue, tem por proposta apresentar os resultados da dissertação de mestrado realizada no período de 2018 à 2020, que teve por objetivo analisar as imagens que veiculem desigualdades de gênero e estimulem a naturalização das

---

<sup>1</sup> O artigo apresentado refere-se a dissertação de mestrado intitulada “Análise de Livros Didáticos do PNLD/2019 para a Educação Infantil: Imagens e Gêneros” defendida em junho de 2020 na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, *campus* Chapecó, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Neide Cardoso de Moura. Disponível em: < <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/3812> > Acesso em: 18 de set. 2020.

<sup>2</sup> Mestre do Curso do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Trabalho financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC); Bacharel em Psicologia pela Fundação Hermínio Ometto – FHO|UNIARARAS. E-mail: [franciellyoliveira@hotmail.com](mailto:franciellyoliveira@hotmail.com)

Lattes autora: <http://lattes.cnpq.br/9019981184224899>



relações de poder entre o gênero feminino e masculino nos quatro livros didáticos endereçados a professores (as) da Educação Infantil, aprovados em seu primeiro ano pelo Edital do PNLD/2019. Assim, para a construção da pesquisa, partimos do levantamento das condições sociais, históricas e políticas que envolvem o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), aprofundamos os conhecimentos sobre a fase educacional ligada à infância e, analisamos as imagens e alguns conteúdos à luz das teorias de gênero e docência na Educação Infantil.

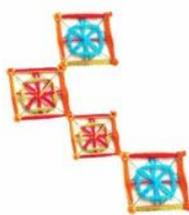
Ressaltamos o propósito da importância da realização de análises sobre as questões de gênero veiculadas pelo material didático endereçado à Rede Pública de Educação Básica brasileira, a partir das simbolizações, cristalizações e naturalizações das imagens com destaque para a Educação Infantil. Isso porque, conforme levantamento realizado, é possível verificar que as pesquisas com descritores *gênero*, *infância* e *livros didáticos* ainda permanecem muito tímidas no cenário acadêmico<sup>3</sup> e também, é de relevância que, sendo o primeiro momento em que livros didáticos tornam-se presentes para professores (as) da faixa etária de crianças pequenas, é de responsabilidade refletirmos sobre a produção dos materiais que fazem parte do desenvolvimento dessas crianças, sabendo que estes constroem olhares.

Feito isso, se faz necessário retomarmos que nas últimas décadas os discursos, produções teóricas e os debates públicos vinculados ao feminismo tem crescido de maneira considerável e, atrelados a essa dimensão, travam-se diversas lutas e conquistas que florescem a partir de mobilizações existentes por corpos e experiências cotidianas de mulheres que se propõem a tomar as ruas e demais espaços. No contexto brasileiro, o movimento feminista histórico e o ingresso de mulheres em massa ao mercado de trabalho, carregou e carrega consigo a necessidade de creches que dividem com a sociedade a educação de filhas/os e assim, esse processo tem demarcado que a creche é um “patrimônio do feminismo, da esquerda e do sindicalismo dos anos 70” (FARIA, 2006, p; 284).

Compreendendo que a articulação do direito à educação das crianças pequenas com o direito ao trabalho de pais e mães se faz presente desde os anos 70 e permite

---

<sup>3</sup> Referimo-nos ao levantamento realizado nas bases ANPEd, Scielo.org e Banco de Teses & Dissertações da CAPES no período de 2001-2018, constando a presença tímida de pesquisas que envolvam os descritores gênero, infância e livros didáticos. Para visualizar a imagem: OLIVEIRA, F. L., 2020, p. 139.



identificar que nesta instituição transpõem-se diversas relações de poder, como: gênero, classe, idade, etnicidade. Retomando o conceito de gênero e utilizando-o como categoria de análise, consideramos gênero como um elemento constitutivo de relações sociais baseadas na diferenças percebidas entre sexos e como forma primária de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1995) em quesímbolos e representações simbólicas, conceitos normativos e produção de sentidos, naturalização, permanência de representações binárias e formas de construção de identidades generificadas se fazem presentes<sup>4</sup>.

Esta perspectiva de atentarmos a temática de gênero, nos levou a destacar que os entrelaces de gênero e educação entre meninas e meninos, e não apenas homens e mulheres deveriam ser analisados para a quebra de repetições de olhares adultocêntricos<sup>5</sup> nos modos de *ser criança*. Com isso, aprofundarmos no conceito de infância, torna-se fundamental para a possibilidade de identificação das relações de poder estabelecidas entre crianças e adultos e que a partir disso, viabiliza em seus encontros, cristalizações de representações que são engendradas posteriormente por essas crianças em fase de desenvolvimento no decorrer da vida e em seus diversos contextos.

Ao pensarmos às questões de infância entrelaçadas as questões de gênero e livros didáticos, pautamo-nos no adultocentrismo que está imbricado neste material. Isso porque, ao decorrer da história percebemos que “[...] a criança não escreve sua própria história. A história da criança é uma história *sobre* a criança” (KUHLMANN JR., 2011, p. 30) e assim, faz-se necessário que ainda que os materiais produzam e reproduzam valores e olhares acerca de temáticas diversas, cada vez mais possamos partir de olhares que compreendam a infância como “categoria social do tipo geracional por meio da qual se revelam as possibilidades e os contrangimentos da estrutura social” (SARMENTO, 2005, p. 363) bem como entender a criança como um “sujeito concreto que integra essa categoria geracional e que, na sua existência, para além da pertença a

---

<sup>4</sup> Para Scott (1995) gênero é uma categoria útil de análise, e, considera para isso duas proposições apresentadas que se entrelaçam e que repercutem assim nas categorias presentes neste texto e que, foram utilizadas para a análise de imagens presentes nos livros didáticos.

<sup>5</sup> Por adultocentrismo compreendemos que este denota e observa a infância como uma transição e aquisição de elementos simbólicos, em que a criança é levada a um estado de inferioridade frente ao adulto, o que remonta a história da criança a partir desta perspectiva.



um grupo etário próprio, é sempre um actor social que pertence a uma classe social, a um gênero, etc.” (SARMENTO, 2005, p. 371).

Ampliando a discussão para os livros didáticos, por séculos, estes materiais enquanto objeto histórico e conteúdo de análise, pouco faziam parte dos interesses nas pesquisas acadêmicas (CHOPPIN, 2002), no entanto, a importância deste material *no e para* o espaço escolar tem grande abrangência, fazendo parte de uma cultura<sup>6</sup> e da memória visual de muitas gerações. Além disso, este material “inscrito na realidade material, participa do universo cultural e sobressai-se da mesma forma que a bandeira ou a moeda, na esfera do simbólico” (CHOPPIN, 2002, p. 14) mobiliza a cristalização<sup>7</sup> de valores dentro de sua presença e circulação na educação escolar.

Conforme Rosemberg; Moura e Silva (2009) o que concerne a análise de imagens nos livros didáticos referentes à mulher, relações de gênero, sexismo e estereótipos sexuais ou de gênero tem datado o início desses estudos no período compreendido entre 1960-1970 em que o conteúdo dessas imagens é mobilizado como informante ou construtor de mentalidades e, concomitante a isso aos papéis sexuais e as identidades de gênero. Os olhares para tais materiais, no entanto, originou-se por ativistas feministas e não por grupos de pesquisa ou educadores interessados nos LDs – demarcando assim “um problema social – a denúncia da *educação diferenciada* de meninas e meninos, o viés *sexista* na educação – e construindo agendas e estratégias políticas de combate à discriminação das mulheres” (2009, p. 491).

Desse modo, ao compreender o livro didático como um material multifacetado<sup>8</sup> assim como sua importância no processo pedagógico, Alain Choppin destaca quatro de suas funções, sendo elas: referencial (curricular ou programática), instrumental, ideológica e cultural, e documental. No que concerne à função ideológica e cultural do material didático, a constituição de estados nacionais a partir do século XIX, considera o livro didático como um dos vetores essenciais da língua, cultura e valores das classes dirigentes, sendo além disto um instrumento construtor de identidade e símbolo de

---

<sup>6</sup> Por cultura, refiro-me à concepção dos estudos culturais de Chartier, que compreende este como um campo de luta em torno da significação social, campo onde se define a identidade cultural e social de diferentes grupos.

<sup>7</sup> Por cristalização partimos do termo utilizado por Butler (2018) para dar significância de solidificação, sendo uma prática insistente e insidiosa que é sustentada e regulada por diversos meios sociais e que se apresenta de forma a parecer que estava lá o tempo todo.

<sup>8</sup>BITTENCOURT, 2011.



soberania nacional assumindo um papel político importante, levando a uma aculturação e/ou doutrinação de gerações.

Em diálogo com Williams (1979), ao retomarmos o olhar do teórico para o conceito de ideologia<sup>9</sup>, compreende-se a importância da dimensão da superestrutura, em sua conceituação marxista, com atenção aos aspectos e práticas culturais, enquanto produtores sociais de sentido. Ou seja, ela se colocaria como uma questão fundamental ao atentarmos para produção e reprodução de desigualdades de gênero nos materiais didáticos em seus conteúdos imagéticos e narrativos para que possam mobilizar um olhar crítico sobre esta produção e assim, atentarmo-nos para a possibilidade de (re)produções que decorrem na primeira infância nos espaços educacionais.

## **METODOLOGIA**

A partir da conceitualização de *gênero, infância e definições sobre os livros didáticos* apresentados anteriormente, para a análise de imagens dos livros didáticos da Educação Infantil, partimos de uma base metodológica denominada de Hermenêutica de Profundidade (HP) de Thompson (1995) dado que o referencial “coloca em evidência o fato de que o objeto de análise é uma construção simbólica significativa, que exige interpretação” (THOMPSON, 1995, p. 355).

Não só, na esteira desse autor, ao considerarmos formas simbólicas<sup>10</sup> as imagens representadas veiculadas pelos livros didáticos analisados, compreendemo-las que estas estão inseridas em contextos sociais e históricos e que, com o intuito de aprofundarmos a tais questões optamos por método de análise a teoria da Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (2016) e a Análise de Imagens de Penn (2002).

Considerando que a HP consiste em um referencial metodológico de três fases<sup>11</sup>, partimo-nos destes pontos para as discussões presentes na pesquisa. Na primeira fase, a análise sócio histórica, que tem por objetivo “reconstruir as condições sociais e

---

<sup>9</sup> Por ideologia sob a proposta de Williams (1979, p. 60) compreendemo-na a partir de três pontos: “i) um sistema de crenças característico de uma classe ou grupo; ii) um sistema de crenças ilusórias – idéias falsas ou consciência falsa – que se pode contrastar com o conhecimento verdadeiro ou científico; iii) o processo geral da produção de significado e idéias”.

<sup>10</sup> As formas simbólicas são e estão inseridas em contextos sociais e históricos, e por isso, constroem significativamente símbolos.

<sup>11</sup> Sobre as fases da HP, referimo-nos as: 1. Análise sócio-histórica; 2. Análise formal ou discursiva; 3. Interpretação e Reinterpretação.



históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas” (THOMPSON, 1995, p. 366) consideramos que os livros didáticos, sendo configurados como formas simbólicas que precisam ser analisadas a partir do contexto sócio-histórico em que está inserido, produzido, recebido e veiculado, contextualizamos o PNLD endereçado à Educação Infantil, além de retomar terminologias como infância e gênero e a produção de livros didáticos do Brasil.

Em sua segunda fase, a análise formal e discursiva, onde tem-se o interesse na organização interna das formas simbólicas, partimos dos procedimentos da AC de Bardin (2016) e especificidades da teoria de AI proposta por Penn (2002) possibilitando percorrer por possíveis relações entre as teorias abordadas de gênero, infância e livros didáticos com as imagens observadas nos livros analisados. Por fim, em sua terceira fase, a interpretação e reinterpretação, com objetivo de implicar movimentos de novos pensamentos e construção criativa de significados evidenciamos o momento em que efetuamos a análise e escolhemos as imagens das unidades de leitura dos quatro livros didáticos, articulando-os com as fases anteriores do método.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir da metodologia apresentada para o conteúdo de análise, devemos considerar inicialmente que no Brasil, os livros didáticos enquanto parte da cultura e da memória visual de gerações passaram pelas diversas transformações nos programas de políticas públicas, sendo o Plano do Livro Didático do Ensino Fundamental (PLIDEF) instituído primeiramente nos anos de 1971-1976 ao Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) instituído em 1985 pelo Decreto nº 91.542 até a atualidade.

O PNLD, “compreende um conjunto de ações voltadas para a distribuição de obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, destinados aos alunos e professores das escolas públicas de educação básica no país” (FNDE, 2020). Em 2018, como forma de ampliação do plano, instituiu-se a modalidade de Livros Didáticos para o nível educacional da Educação Infantil, objeto da pesquisa. O Edital PNLD/2019 teve por objeto “a convocação de editores, detentores de direito exclusivo de reprodução das obras caracterizadas neste edital, para participar do processo e aquisição de obras didáticas” (FNDE, 2020) que seriam então, distribuídas para estudantes e professores (as) da Educação Básica.



Focando em nosso objeto de pesquisa, materiais destinados à Educação Infantil, foram contabilizadas, 74.409 escolas beneficiadas, resultando em um valor de R\$9.826.136,60 de gastos públicos para estes livros. O objetivo desses livros são para uso de educadores(as) para a utilização do material como fonte de atividade baseada em interações e brincadeiras para ampliação do universo de experiências, conhecimentos e habilidades de crianças de zero a cinco anos de idade”.

Entre os livros apresentamos os seguintes títulos: o livro *Cadê? Achou! – Educar, cuidar e brincar na ação pedagógica da creche* para crianças de 0 a 3 anos e 11 meses, da Editora Positivo; o livro *Pé de Brincadeira*, para pré-escola de 4 a 5 anos e 11 meses, da Editora Positivo; o livro *Aprender com a criança – Experiência e Conhecimento*, para creche e pré-escola de 0 a 5 anos e 11 meses, da Editora Autêntica; e, o livro *Práticas Comentadas para Inspirar*, para crianças de 0 a 3 anos e 11 meses da Editora do Brasil.

No percurso de análise notou-se a ausência masculina na autoria ou produção dos livros didáticos; além disso, não foram encontrados nos currículos das produtoras/autoras estudos/formação voltadas às questões de gênero. No entanto, o que é produzido demarca e constrói um olhar político que reforça a naturalidade ou cria novos modos de interação de práticas e concepções que se tornam presentes nas escolas com a escolha e uso de um dos livros disponíveis pelo PNLD. Isso porque,

[...] a linguagem institui e demarca os lugares dos gêneros não apenas pelo ocultamento do feminino, e sim, também pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídos aos sujeitos, pelo uso (ou não) do diminutivo, pela escolha dos verbos, pelas associações e pelas analogias feitas entre determinadas qualidades, atributos ou comportamentos e os gêneros (do mesmo modo como utiliza esses mecanismos em relação às raças, etnias, classes, sexualidades, etc.) (LOURO, 2018, p. 71).

Além disso, no tocante às questões de gênero, ainda que tenhamos encontrado imagens representadas por bebês em que a diferenciação entre gêneros não seja tão percebida, existem alguns trejeitos que fazem com que tenhamos uma forma naturalizada de como ser menina ou menino. Entrelaçando isso aos conceitos normativos de Scott (1995) expressa-se interpretações sobre significados de símbolos que limitam ou reduzem possibilidades metafóricas marcando a oposição binária entre mulher-homem; feminino-masculino; menina-menino.



Outro ponto de análise reflete sobre o brincar das crianças pequenas. Ainda que os brinquedos (e o brincar) sejam o que Finco (2003) traz em sua pesquisa como *neutro*, apresentam-se nas imagens dos livros a possibilidade de questionamentos sobre a existência de brinquedos e brincadeiras certos/errados para cada gênero. Para as crianças, não há fronteiras sobre os espaços da brincadeira, brincam com o que dá prazer. (FINCO, 2003). São os adultos que se preocupam com o que esse brincar está produzindo nas crianças a partir do que compreendem como uma sexualidade normalizante.

Ou seja, se esses livros didáticos são direcionados para professores (as), porém estes (as) “não reflete sobre sua influência nas relações dos meninos e meninas ela (e) pode organizar a brincadeira de uma forma a favorecer o sexismo (...)” (FINCO, 2003, p. 98). Há a necessidade, então, da transformação proposta por Scott (1995) retomando o pensamento moderno marcado de dicotomias, trabalhando, assim, contra a lógica de um lugar fixo e naturalizado de cada gênero.

O mesmo aspecto segue a partir de emoções que são apresentadas em crianças dos gêneros feminino e masculino, presentes nos livros didáticos, que trazem em uma de suas páginas a representação de uma menina chorando, ligando a feminilidade ao que é mais emotivo, e um menino sorrindo em seguida. Esses pontos de vista que são atribuídos à figura de crianças meninas e meninos, contribuem para a permanência do olhar que vela as desigualdades entre os gêneros via o espaço do brincar e se estendem para outros lugares.

Nessa perspectiva, Louro (2018, p. 93) nos lembra que “a escola é *atravessada pelos gêneros*; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais do masculino e feminino” demarcando assim que os materiais didáticos e as pessoas responsáveis pelos trabalhos direcionados às atividades entre as crianças também contribuem na direção dos olhares.

Por fim, outro resultado identificado nas análises corresponde a ausência da diversidade de crianças presentes nos livros didáticos, ao qual reproduz no imaginário social, uma estrutura de que criança existe para o mundo. Indígenas, negras e negros são quase ausentes nas imagens, e, isso sobressai-se quando observamos imagens que não aparecem nem mesmo o corpo inteiro da criança, sendo predominantemente brancas.

Destaca-se portanto que, durante as análises das imagens dos livros da Educação Infantil, é possível perceber a presença de assimetria entre relações de feminino e



masculino bem como as questões de raça e etnia presentes e/ou ausentes nas imagens. Com isso, elucidar as desigualdades e relações de poder estabelecidas entre os gêneros é possibilitar a quebra de repetição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do levantamento de resultados anteriormente apresentados, destacamos que das mil setecentas e trinta e quatro representações do gênero feminino e masculino presentes nas imagens analisadas, selecionamos trinta e cinco imagens que possibilitaram apreender que as crianças pequenas se desenvolvem e se posicionam a partir de um lugar social e de olhares que são assumidos com base em uma concepção adultocêntrica. Além disso, foi possível analisar que a participação de crianças negras ou indígenas ainda é tímida.

Com isso, as imagens veiculadas e escolhidas pelas autoras dos livros didáticos aprovados pelo edital tenderam a reproduzir esteriótipos de gênero ao sustentarem a visualização de um modelo patriarcal, e também racista, tendo em vista a fase de desenvolvimento da identidade infantil.

Por fim, amadurecemos os olhares para as imagens dos livros didáticos, socializamos o estudo e expomos a necessidade de mais olhares que possam revelar outros focos sociais sobre as desigualdades de gênero. Fica o convite para outras pesquisas tão necessárias no campo educacional brasileiro.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 1ª. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

CHOPPIN, Alain. **O historiador e o livro escolar**. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (11): 5-24, abr. 2002. Disponível em: <  
<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4891528.pdf>> Acesso em: 01 de set. 2020.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado da arte. Cadernos Pagu (26), p. 279-287, jan./jun., 2006. Disponível em: <  
<https://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30394.pdf>> Acesso em: 31 de ago. 2020.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-posições**, Campinas, v. 14, n.3 (42), set./dez.. 2003. Disponível



em: < <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2212/42-dossie-fincod.pdf> > Acesso em: 09 de set. 2020.

FNDE. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, 2020. Sobre os Programas do Livro. Disponível em: < <https://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro> > Acesso em: 03 de set. 2020.

KUHLMANN JR. Moysés. **Infância e Educação Infantil:** uma abordagem histórica. 6.<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 16.<sup>a</sup>ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

OLIVEIRA, Francielly de Lima. **Análise de Livros Didáticos da Educação Infantil para o PNLD/2019:** Imagens e Gêneros. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2020, 223 p.

PENN, Gemma. **Análise semiótica de imagens paradas.** BAWER, Martin W.; GASKELL, George. In: Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 319-343.

ROSEMBERG, Fúlvia; MOURA, Neide Cardoso de; SILVA, Paulo Vinícius Baptista. Combate ao sexismo em livros didáticos: construção da agenda e sua crítica. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 137, p. 489-519, maio/ago., 2009. Disponível: < <https://www.scielo.br/pdf/cp/v39n137/v39n137a09.pdf> > Acesso em: 15 de ago. 2020.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, mar./ago., 2005, p. 361-378. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a03v2691.pdf> > Acesso em: 11 de set. 2020.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez., 1995. Tradução de Guacira Lopes Louro. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667> > Acesso em: 03 de ago. 2020.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna** – Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 2.<sup>a</sup>. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1995.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura.** Editora Zahar: Rio de Janeiro, 1979.